

Finança, ética e tradução

Pierre Jeanson¹

Tradução² de
Bianca Melyna Filgueira³

Letícia Fiera⁴
Universidade Federal de Santa Catarina

“Especulação”, “bolha”, “subprimes”, “quebra da bolsa”: é nisso que pensamos quando se trata de finanças. Muitas vezes, esse ramo da economia é percebido como opaco e desencarnado. Ele beneficiaria apenas os mais ricos e jogaria os mais pobres na fome e no desemprego. Se a crise de 2008 nos mostrou para onde a finança desregulamentada e desconectada da economia real poderiam nos levar, podemos falar sobre finança ética? Além disso, como unir a ética e a finança na tradução e no mundo do trabalho em geral?

Na França, talvez mais do que em qualquer outro lugar, o dinheiro é um assunto tabu. As ideias de esquerda, bem como a moral católica, podem nos levar a desconfiar da finança. No entanto, o marxismo é uma corrente de pensamento materialista. E as grandes tradições religiosas não rejeitam o dinheiro como tal. Depois de uma visão geral sobre a finança ética de acordo com as diferentes escolas, veremos como agir concretamente para um mundo mais justo, seja você um investidor, um tradutor ou um Todo poderoso...

¹ Tradutor freelancer desde 2016. É especialista em tradução jurídica e financeira, e também traduz documentos com temática religiosa. Suas línguas de trabalho são o francês, o espanhol, o inglês e, em menor escala, o português. E-mail: pierrejeanson.trad@outlook.fr.

² (N.T.) O artigo foi publicado originalmente na *Revue Traduire*, n. 240, 2019. Agradecemos ao direito de tradução concedido pela revista e pelo autor por e-mail em setembro de 2022.

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). Bolsista Capes. E-mail: bimelyna@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4498-2946>.

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). Dra. em Sociologia Política (UFSC). E-mail: leticia.fiera@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0310-0800>.

Finança ética: diferentes escolas para um mesmo objetivo

As religiões e as filosofias oferecem respostas às questões fundamentais da vida. O que elas dizem sobre dinheiro? Independentemente de pertencer ou não a uma dessas escolas de pensamento, como investir concretamente de modo ético?

Segundo a **religião judaica**, possuir riquezas não é visto como algo vergonhoso, mas como uma bênção divina, uma vez que enriquecer permite ter meios para doar. Na Idade Média, os judeus às vezes eram malvistas pelos cristãos, porque eram os únicos que podiam emprestar a juros – uma prática que era proibida pela Igreja. Os banqueiros judeus eram, portanto, necessários para o funcionamento da economia. É daí que vem o clichê sobre judeus e dinheiro, que ainda hoje afeta essa comunidade. Infelizmente, quando os devedores medievais não podiam pagar seus empréstimos, por exemplo, por causa da fome ou de uma epidemia, às vezes atacavam violentamente seus credores.

A Bíblia hebraica, no entanto, estabelece uma legislação social exigente, que convida a uma redução das desigualdades dentro da comunidade israelita, bem como entre judeus e imigrantes que vivem em seu território. Além disso, muitos profetas do Antigo Testamento conclamam seu povo em nome de Deus para que se preocupem com os mais pobres. De fato, segundo Éric Conan (2002) testou-se que o primeiro imposto de renda da história da humanidade surgiu no reinado do rei Salomão, no século X a.C. Com uma alíquota entre 10% e 20% da renda de cada contribuinte, o *Tzedaká* foi totalmente distribuído aos necessitados. O Talmud de Jerusalém (século 4) e da Babilônia (século 6) regulam a economia e as finanças de forma muito precisa. Eles decretam a fixação de um preço justo, a proibição da especulação, bem como um conjunto de normas sociais e até ambientais.

O **cristianismo** é uma continuação do judaísmo, com a caridade como regra de ouro. No Novo Testamento, muitas vezes trata-se de fazer o bem sem olhar a quem e de se desprender das coisas materiais. No Evangelho de Mateus, Jesus é muito claro sobre este assunto: “Ninguém pode servir a dois senhores. Pois vai odiar a um e amar o outro, ou se apegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro”⁵. “Em busca do bem comum”, “opção preferencial pelos pobres”, “destino universal dos bens”: esses conceitos técnicos do pensamento social cristão ensinam que não é proibido ser rico. Mas essas riquezas devem ser adquiridas honestamente e servir à construção de um mundo mais humano e justo. O cristão não é, portanto, o proprietário de seus bens, mas é o gerente.

⁵ Mt 6,24.

Segundo Max Weber (2004), a ética protestante, que vê a ociosidade como um pecado muito grande, estaria na origem do capitalismo. Segundo o sociólogo, as pessoas sempre buscaram fazer a ligação entre as convicções religiosas, a ética e a ação. Em seus escritos, ele expõe sua intuição de que as crenças impulsionam à ação. Nesta perspectiva, a bênção de Deus sobre o homem dá-lhe o desejo de “enriquecer”, porque a riqueza é um sinal da abundância de Deus.

Em janeiro de 2018, a Congregação para a Doutrina da Fé e o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Integral (dois órgãos da administração central do Vaticano) publicaram um documento sobre ética financeira intitulado *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*. A ideia principal é colocar o homem no centro da economia. De fato, o sistema econômico não é apreendido apenas do ponto de vista material. Ele é também um conjunto de relações entre pessoas que devem ser respeitadas em sua totalidade. Esse documento condena a especulação e convida a repensar o sistema financeiro para que ele esteja a serviço da economia real. Segundo a Santa Sé, isso permitiria evitar novas crises financeiras e ajudar os mais desfavorecidos a escapar da pobreza. O texto também denuncia as desigualdades entre especialistas financeiros e o investidor médio. Este último pode ser facilmente enganado colocando seu dinheiro em instrumentos excessivamente complexos cujas sutilezas ele não entende. Por fim, a evasão fiscal, a corrupção, o superendividamento dos Estados e a lavagem de dinheiro são denunciadas.

Todos esses fenômenos, considerados imorais, seriam a causa profunda das disfunções do sistema econômico. O relatório *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones* (2018) oferece algumas soluções:

- uma clara separação dos poderes políticos, econômicos e financeiros, para devolver a soberania ao povo;
- uma maior transparência, para permitir que cada investidor saiba onde seu dinheiro está investido;
- uma melhor responsabilidade social das empresas (RSE);
- uma maior diversidade econômica e financeira, bem como maior capital para os bancos, para que o sistema seja mais resiliente em caso de crise;
- uma regulamentação reforçada;
- a presença de um comitê de ética dentro dos bancos;
- um imposto sobre transações *offshore*, inspirado na famosa taxa Tobin, para doar o dinheiro arrecadado às organizações responsáveis pela erradicação da fome no mundo;
- uma redução da burocracia das nossas administrações, para combater o endividamento dos Estados, que pesa sobre o contribuinte.

Mas, para além dessas propostas políticas, *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones* (2018) relembra que cada consumidor pode agir ao seu próprio nível para tornar o mundo mais humano e mais justo, principalmente direcionando as suas compras e investimentos.

Nesse ponto, as ações de uma parte da Igreja Católica nem sempre foram coerentes. De fato, por muito tempo houve ligações entre a máfia e certas paróquias do sul de Itália. Dinheiro sujo chegou a ser depositado no banco do Vaticano. Tudo começou na época da Guerra Fria, quando os mafiosos viram a vantagem que poderiam obter de uma aliança com a Igreja e com alguns políticos contra os comunistas, que eram então muito populares na Sicília. Mas, na prática, alguns padres corajosos denunciaram o crime organizado, arriscando suas vidas. Em 1993, João Paulo II opôs-se claramente à máfia, recordando o mandamento “Não matarás”. Em junho de 2014, o Papa Francisco foi além, excomungando os mafiosos. Um ano antes, ele havia beatificado e reconhecido como mártir o padre Giuseppe Puglisi, assassinado em 1993 por se opor aos gângsteres de Palermo. Quanto ao banco do Vaticano, passou por uma operação de “mãos limpas”, já iniciada durante o papado de Bento XVI. Milhares de contas ligadas à lavagem de dinheiro foram fechadas.

No **Islã**, as finanças são baseadas em cinco pilares:

- a recusa categórica da usura (é proibido emprestar ou tomar emprestar com juros);
- a proibição da especulação e dos jogos de azar;
- a proibição do comércio de bens “ilícitos” (*haram* em árabe), principalmente o álcool, as drogas, o tabaco e a pornografia;
- a obrigação de compartilhar os lucros e as perdas entre quem fornece o capital e quem o explora (o bom senso recomenda, por isso, não financiar empresas ou famílias demasiado endividadas, isso evita desencadear crises como a crise do *subprime*);
- a obrigação de apoiar os títulos com ativos tangíveis, a fim de se manterem conectados à economia real.

O fato de as finanças islâmicas funcionarem de forma diferente das finanças ocidentais protegeu relativamente bem o mundo muçulmano da crise de 2008. Notamos também que Muhammad Yunus inventou o microcrédito em conformidade com a ética muçulmana em termos de dinheiro. Esse professor de economia fundou, em 1976, o Grameen Bank para as populações marginalizadas de Bangladesh, desenvolvendo um sistema de microcrédito que hoje permite que muitas pessoas ao redor do mundo escapem da pobreza. Em 2006, ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Por outro lado, outros bancos com valores supostamente islâmicos praticam uma usura dissimulada. Dessa forma, eles burlam os muçulmanos que queiram fazer emprés-

timos em conformidade com a lei da Sharia. Seus clientes acabam pagando juros muito mais altos do que se tivessem tomado emprestado de um banco tradicional.

Além disso, a esmola (*zakât* em árabe) é o terceiro dos cinco pilares do Islã. Ela serve tanto para assegurar a solidariedade com os fiéis mais necessitados quanto para ajudar os fiéis doadores a desligarem-se dos bens materiais. É por esta razão que muitos países muçulmanos não estabeleceram um sistema de tributação estatal. Os muçulmanos devem, através do *zakât*, redistribuir os bens que possuem.

Por fim, o ponto de vista das diferentes *escolas budistas* pode ser resumido nesta citação do mestre tibetano Tulku Thondup: “Não que ganhar dinheiro seja, por si só, uma causa de sofrimento, mas entregar sua vida à tirania das intermináveis posses é um golpe fatal para a paz e a alegria”. Aqui, também, trata-se de viver com verdadeiro desapego que conduz à felicidade.

Note-se que o judaísmo, o cristianismo, o islamismo e o budismo têm em comum o fato de condenarem – ou não recomendarem – os jogos de azar e ligados ao dinheiro.

Essa visão geral, portanto, nos ensina que, nessas quatro tradições religiosas, não é o dinheiro que é bom ou ruim, mas o uso que se faz dele. É claro que esses valores também são compartilhados por muitas pessoas que estão ligadas a outras crenças, religiosas ou não. Essa visão comum considera, portanto, que a finança é legítima no plano ético se ela for utilizada não para enriquecer a todo o custo, mas para criar empregos, com respeito ao homem e ao seu ambiente. Hoje em dia, é perfeitamente possível investir seu dinheiro em fundos ou empresas que atendam a determinados critérios ambientais, sociais e de governança (ESG). Isso é chamado de investimento socialmente responsável (ISR) ou investimento responsável (IR). Quando o IR/ISR visa reduzir o aquecimento global, falamos em “finanças verdes”. Por exemplo, os títulos verdes (*green bonds*) são empréstimos para empresas que desenvolvem energias renováveis. Na França, o rótulo público autorizado nesta área é TEEC (para “Transição Energética e Ecológica para o Clima”). Também é possível investir seu dinheiro em conformidade com outros valores, por exemplo, em fundos que investem localmente para manter ou criar empregos. Aliás, os fundos de investimento de proximidade (FIP), que investem em PME (Pequenas e Médias Empresas) locais, são vantajosos do ponto de vista fiscal; por outro lado, são investimentos de risco. Por fim, alguns fundos investem exclusivamente em empresas que respeitam os valores de uma determinada filosofia ou religião. Por exemplo, algumas organizações de investimento coletivo (OIC) geridos pela *Meeschaert Asset Management* estão empenhadas em respeitar ao máximo o pensamento social cristão. Isso inclui, além dos critérios ESG tradicionais, a recusa em investir em pornografia. Da mesma forma,

existem fundos que cumprem as regras das finanças islâmicas para pessoas que desejam respeitar os princípios da lei Sharia.

Além disso, investimentos éticos visam gerar uma certa rentabilidade. Isso é evidenciado pela atuação da SICAV Sycomore Happy@Work. Este compartimento ISR criado em 2015 favorece o investimento em empresas comprometidas com a felicidade dos seus colaboradores no trabalho; como isso tem um impacto muito positivo na criatividade, produtividade e, portanto, rentabilidade, o desempenho do fundo quase sempre foi bem superior ao de seu índice de referência, o EURO STOXX TR.

Mas, como aponta Thibault Leroux (2018), jornalista da Anistia Internacional, o investimento socialmente responsável visa antes de tudo o lucro. Alguns fundos podem, portanto, ser mais ou menos cautelosos com este ou aquele critério de seleção. A finança ética propõe, na verdade, outra opção, menos lucrativa, mas muitas vezes mais íntegra, a saber, a poupança solidária. Ela coloca o dinheiro dos poupadores a serviço da economia social e solidária (ESS) ou de várias associações humanitárias ou de caridade. Algumas delas oferecem aos indivíduos a oportunidade de investir seu dinheiro em fundos (muitas vezes certificados ISR), aceitando que 25 a 100% dos lucros sejam doados a essas organizações sem fins lucrativos. Este é o sistema de “compartilhamento de produtos”. É usado, entre outros, por Habitat et Humanisme, CCFD-Terre Solidaire e Anistia Internacional.

Em suma, finanças e ética são completamente compatíveis. Chega a ser difícil escolher quando se trata de investir nosso dinheiro para o bem comum.

E a tradução nisso tudo?

Quando iniciei meus estudos em tradução econômica e jurídica na Universidade de Cergy-Pontoise, não planejava me especializar em tradução financeira. Na verdade, esse campo me parecia tão opaco e técnico que eu não me sentia à altura. Além disso, moldado por valores que me levavam a naturalmente ser desconfiado em relação ao dinheiro, não via qual era o sentido de tal atividade. Por isso, hesitei antes de aceitar um estágio de fim de curso nesta área de especialidade.

Por fim, rapidamente entendi que essa experiência profissional poderia ter um propósito ético interessante. De fato, após o estouro da bolha financeira em 2008, os líderes políticos perceberam que as finanças precisavam ser mais bem regulamentadas.

Assim, uma série de diretivas europeias limita desde então o poder das instituições financeiras, obrigando-as a demonstrar transparência absoluta, a fim de reduzir esses riscos. Este é especificamente o caso da diretiva *Markets in Financial Instruments Directive*

(MiFID). Como resultado, essas instituições publicam inúmeros documentos (prospectos de vendas e documentos de informação chave aos investidores) para informar os investidores e controlar seus investimentos. E como os fluxos de capital circulam quotidianamente em escala internacional, essa documentação deve ser traduzida rapidamente. É pensando nisso que a empresa FinTech foi fundada. Ela cria recursos de tradução automática no setor financeiro, com o objetivo de permitir a transparência em escala global. Ao aceitar um estágio de seis meses nessa estrutura, eu daria minha contribuição para a moralização das finanças.

No entanto, mencionar a tradução automática (TA) levanta outro problema ético: a perda de empregos devido à substituição de humanos por máquinas. No entanto, os defensores da TA consideram que oferecer tradução a um custo mais baixo possibilita a tradução de documentos que nunca teriam sido processados manualmente, devido à falta de orçamento. Mas a inteligência artificial nunca se adaptará tão rapidamente quanto o cérebro humano, e o trabalho de uma pessoa de carne e osso continua sendo indispensável:

- para criar o recurso de tradução através do processamento de bases de dados linguísticos (isso equivale a um exercício de revisão de textos que já foram traduzidos);
- para reler a tradução necessariamente imperfeita da máquina (o que o jargão chama de “pós-edição”).

Seus defensores acreditam de fato que a tradução automática não ameaça o emprego de tradutores profissionais. No entanto, mesmo que os tradutores mantenham seus empregos, outra questão ética surge. De fato, que satisfação intelectual se obtém da limpeza das memórias de tradução ou da pós-edição, em comparação com a tarefa gratificante e estimulante da tradução?

Infelizmente, outros pesquisadores são muito menos otimistas. Com o advento da TA neural, eles acreditam que o trabalho de alguns tradutores está realmente ameaçado, especialmente nas combinações de línguas mais comuns e especialidades menos criativas. Já podemos ver na redução gradual das tarifas uma marca desse fenômeno?

Como qualquer habilidade, a tradução financeira – e a tradução em geral – pode ser usada para fins questionáveis. De fato, desde que me estabeleci como *freelancer*, já me ofereceram para traduzir por uma causa que ia contra a minha ética pessoal. Então recusei esse projeto que me pareceu sem sentido. Estudos também comprovam que a felicidade no trabalho está em parte ligada à conformidade de nossa vida profissional com nossos valores. Um auditor financeiro sênior especializado em contas de organizações sem fins lucrativos me garantiu que não poderia realizar seu trabalho se seus clientes fossem empresas com ética de negócios questionável.

Cheguei a recusar um projeto de tradução muito grande que era altamente remunerado porque o contratante era uma seita. Eu poderia ter ganhado muito dinheiro, mas teria sido pago com dinheiro roubado de pessoas doutrinadas, e meu trabalho teria sido usado para doutrinar outras. Por outro lado, se optei por não contribuir com essa causa que me parecia injusta, fico feliz de hoje traduzir para empresas e associações que atuam de acordo com meus valores.

Porque permanecer íntegro não é necessariamente prejudicial à rentabilidade. Empresas que ecologizam sua gestão e, portanto, sua imagem, gozam de boa reputação e, muitas vezes, de excelente saúde financeira. De acordo com um estudo da *France Stratégie*, transmitido pela plataforma E-RSE, a implementação da responsabilidade social corporativa aumenta o desempenho em 13%. Por outro lado, um escândalo bem noticiado na mídia pode reduzir significativamente o faturamento. Quanto à felicidade no trabalho, há um aumento de produtividade de 12%, de acordo com uma pesquisa realizada pela Universidade de Warwick em 2014.

Então, como aplicar a RSE e ecologizar sua imagem quando se é tradutor? Trabalhar sozinho em frente ao computador envolve uma pegada de carbono e uma gestão de recursos humanos muito limitadas. Cabe a nós sermos inventivos para ir além, trabalhando de forma ética, além do código de ética do SFT (Sociedade Francesa dos Tradutores)!

Desde o respeito às taxas com subcontratados até a prática de patrocínio de habilidades dentro de uma organização sem fins lucrativos, incluindo a transferência de parte dos lucros a uma associação, os exemplos são inúmeros. Além disso, a tradução e a revisão podem ser realizadas junto a uma organização humanitária ou de caridade, e alguns grupos desfavorecidos estão em busca de cursos de francês, línguas modernas e outras disciplinas. Finalmente, e especialmente no contexto do aquecimento global que estamos vivendo, nunca podemos dizer o suficiente sobre a importância de um estilo de vida ecológico que contribua para reduzir a nossa pegada de carbono (meios de transporte, alimentação, energia, papel etc.).

Se cada tradutor é movido por seus próprios valores, como podemos falar sobre esse assunto para atrair clientes? Em sua teoria do chamado “círculo dourado”, Simon Sinek (2012) provou que a ordem de comunicação de marketing mais vendida não é “O quê? Como? Por quê?” – o que todos tendemos a fazer instintivamente; mas, sim, que devemos pensar: “Por quê? Como? O quê?” Em outras palavras, nossos valores ressoarão com o cliente em potencial mais do que o que vendemos e como o fazemos. Foi assim que os maiores líderes, de Martin Luther King a Steve Jobs, raciocinaram. Assim, destacar nossos valores em nosso site profissional pode ser decisivo para que um cliente entre em

contato conosco. É claro que dizer que andamos de bicicleta ou que usamos lâmpadas de baixo consumo pode fazer os internautas rirem. Mas podemos simplesmente dizer que estamos procurando reduzir nossa pegada de carbono. Isso pode encorajar os clientes a fazerem perguntas que responderemos na discussão que se segue. Por outro lado, ações concretas no âmbito social podem ser divulgadas de forma mais precisa. Podemos até mencionar as associações que apoiamos ou com as quais estamos envolvidos. No entanto, é necessário buscar seu consentimento e garantir que elas não sejam política ou religiosamente muito explícitas.

Nas finanças, como na tradução e no mundo profissional em geral, a ética assume, portanto, uma dimensão primordial. Ela possibilita fazer sentido, ter um impacto positivo a nível social e ambiental, bem como ser mais feliz no trabalho. Além disso, se acreditarmos em Aristóteles, a busca da felicidade não está na base de toda moral?

REFERÊNCIAS

CONAN, Éric. Les juifs, les chrétiens et l'argent. **L'Express**, 2002. Disponível em: www.lexpress.fr/informations/les-juifs-les-chretiens-et-l-argent_646897.html. Acesso em: 3 set. 2024.

Congrégation pour la doctrine de la foi & dicastère pour le service du développement intégral. Economie et finance - Oeconomicae et pecuniariae quaestiones : Considérations pour un discernement éthique sur certains aspects du système économique et financier actuel. Cité du Vatican, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/wss/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180106_oeconomicae-et-pecuniariae_fr.html. Acesso em: 03 set. 2024.

La Sainte Bible. Mt 6,24. Tradução de J. N. Darby. Bibles et Publications Chrétiennes, 1992.

LEROUX, Thibault. Finance Éthique : des valeurs gagnantes. La Cronique d'Amnesty International, 2018. Disponível em: <https://www.amnesty.fr/responsabilite-des-entreprises/actualites/finance-ethique--des-valeurs-gagnantes>. Acesso em: 03 set. 2024.

SINEK, Simon. Comment les grands leaders inspirent l'action ? Oser entreprendre, 2012. Disponível em: <https://objectifvdi.com/simon-sinek-comment-grands-leaders-inspirent-action/>. Acesso em: 03 set. 2024.

WEBER, Max. L'Éthique protestante et l'esprit du capitalisme. Tradução Jean-Pierre Grossein. Paris, Gallimard, 2004.

